

Subjetividade é uma negociação complexa da experiência incorporada vivida (embodied) e de **forças sociais que trabalham para regular os comportamentos** e, portanto, **para formatar aquela experiência** (*na nossa sociedade contemporânea neoliberal e neocolonial as forças hegemônicas são o patriarcado heteronormativo, o racismo estrutural e o machismo*).

Estamos de acordo com Elisabeth Grosz que “a corporeidade pode ser vista como a condição material da subjetividade (1995, 103)” [...] A improvisação (*e as práticas de criação sonora em geral?*) é (*são*) uma forma de criação de conhecimento através da prática expressiva [...] ao improvisar experienciamos relações imediatas (não mediadas) entre nossos corpos e outros. [...] na verdade, a improvisação é, quase sempre, um meio de narrar o passado através do filtro do momento presente.

Improvisação musical (ou as práticas de criação sonora) torna(m) as negociações das subjetividades audíveis, mas isto por si só, não é uma garantia de que a improvisação é transformadora (p.3)

Ela (Carrie Noland) define a encorporação (embodiment) como “o processo através do qual comportamentos e crenças coletivas adquiridos através do acultramento, se tornam individuais e ‘vivididos’ no nível do corpo”. (Para ela) Agenciamento é “o poder de alterar esses comportamentos e crenças adquiridos para propósitos que podem ser reativos (resistentes) ou colaborativos (inovativos) em tipos”. [...] Em suma, o corpo movente, treinado e treinável é sempre uma fonte potencial de resistência aos “significados que ele é obrigado a suportar”. (p. 5 e 6).